



## Colagens de Oppenheim e paisagens de Faria

### Arte/Inauguração

Um arquiteto — Silvío Oppenheim — que faz colagens e pinta abstrações, um pintor autodidata — Guilherme de Faria — que desenhava mulheres nuas, “do fim do século XIX” e agora pinta antigas paisagens, “paisagens que o espírito recorda” — tudo com um “tremendo virtuosismo técnico”, segundo ele mesmo. E ainda as pinturas de Francisco Bayardo, morto em 1926, aos 21 anos. Os três têm suas obras expostas na cidade, a partir de hoje.

Silvío Oppenheim expõe até o dia 11 deste mês, na Galeria Portal (rua Augusta, 1961), suas colagens e pinturas abstratas. Arquiteto, ele admite a existência de aproximações entre esta arte e seu trabalho plástico. Assim, pode-se notar em sua obra a geometria que se combina com um uso de cor impressionista. Ele “elabora seu espaço geométrico com a preocupação do equilíbrio de massas no espaço, e sobre essa organização espacial, estabelecendo grandes massas cromáticas, na busca da emoção pictórica”. Quem quiser conferir, a inauguração da exposição é hoje, às 21 horas.

Já Guilherme de Faria — na Galeria Cosme Velho (alameda Lorena, 1579) —, com inauguração também às 21 horas, mostra um trabalho mais voltado para o romantismo inglês. Autodidata, “profissional desde 1962”, como consta de seu currículo, se tornou mais conhecido desenhando mulheres nuas, antes de voltar-se para a fase paisagística atual. Um ponto em comum, no entanto, é bem claro: sua

persistência em temas e formas de um passado mais distante.

Cada tela da fase em exposição é trabalhada com superposição de velaturas, que dão base a películas transparentes de cor, numa rememoração técnica que vem da Renascença. O próprio artista diz que “nunca imaginei vir a ser um paisagista; de repente começa um fluxo de paisagens, criadas dentro do atelier, mas não imaginárias, antes recriadas a partir de vivências culturais anteriores, ou reminiscências”.

Sim ou não, recordações são o que não faltam nos quadros e esculturas de Francisco Bayardo, que o Museu de Arte de São Paulo (avenida Paulista, 1578) expõe até dia 19 deste mês. Sua arte é a vida de sua época — é como folhear um velho album de fotografias amareladas. Cenas brasileiras. Nascido em Campinas, aluno da Escola Nacional de Belas Artes, ganha duas vezes o prêmio Cucural, a grande medalha de prata de 1924, a pequena medalha de ouro no ano seguinte e, em 1926, o prêmio de viagem Caminhoá, para a Europa.

Pretendia aprofundar seu trabalho, mas morre durante a viagem e seu corpo é jogado ao mar. Seu trabalho, como esta exposição mostra, foi, porém, além de sua morte. “Há exercícios acadêmicos e retratos. E o homem sempre está presente em seus trabalhos: mesmo nos quadros de interiores, como se a pessoa desse uma sentido ao espaço”, como diz José Bertazzo.